

**Série: Antonio Candido e os Estudos de Literaturas**

**Africanas de Língua Portuguesa**

**III – Emerson da Cruz Inácio**

**Anita Martins Rodrigues de Moraes<sup>1</sup> – Minha proposta é refletir sobre o aproveitamento das teorizações de Antonio Candido nos estudos de outras literaturas de língua portuguesa, para além da brasileira. Em sua opinião, que contribuição a obra de Antonio Candido tem dado aos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, particularmente no que se refere às literaturas africanas?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Uma contribuição relevante. A noção de sistema literário como por ele formulada, por exemplo, já foi muito utilizada. Em minha opinião, foi preciso recorrer a este referencial teórico sólido, forte, para tratar de algo que, então, não era tão sólido assim, ou seja, de literaturas novas. Penso que, cedo ou tarde, haverá um passo à frente. Na verdade, me parece que já está havendo, que essas literaturas, particularmente no que se refere às africanas de língua portuguesa, têm sido estudadas sob novas perspectivas, como a questão pós-colonial e teorias mais específicas. Mas ainda assim me parece que Candido continua aí, na base de toda essa discussão, até como referencial que possibilitou a conformação e sedimentação de uma crítica literária capaz de colocar as coisas no seu lugar e dar a dimensão que essas literaturas devem ter.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria da Literatura pela UNICAMP. Autora da obra *O inconsciente teórico: investigando estratégias interpretativas de Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

**AMRM – O que você sugere é que as teorizações de Candido teriam contribuído na construção de parâmetros para se estudar algo que estava em formação?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Eu acho que sim. E acredito também que recorrendo ao Antonio Candido muitos puderam dar voz àquilo que o Gilberto Freyre tinha silenciado no Brasil. Ou seja, um teórico brasileiro, o Gilberto Freyre, que estava pensando sobre o Brasil, mas que propunha uma teoria supostamente explicativa de outros espaços (outras colônias de Portugal). Tenho lido sobre a apropriação dele pelo salazarismo, e acho importante lembrar que o Gilberto Freyre não podia controlar os desdobramentos de seu pensamento. Mas, de certa forma, trata-se de algo semelhante ao que houve (e tem havido) com o pensamento do Candido, que também se vê apropriado para estudo de outras literaturas. E Candido se tornou, me parece, uma espécie de referencial alternativo ao lusotropicalismo. Acho que é preciso pensar, também, sobre como o pensamento do Candido tem sido lido e interpretado. Pois ele também não controla os usos que podem ser feitos de sua obra...

**AMRM – Como o Gilberto Freyre?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Sim. Fico por vezes entristecido pensando em como Candido tem sido apropriado. Se a gente pensar em termos progressivos, nos desdobramentos de abordagens sociológicas de viés marxista, temos algo como os Estudos Culturais. Assim, as afinidades teóricas de Candido caminharam em outros lugares para abordagens abertas ao multiculturalismo. Aqui no Brasil, porém, por vezes se opõe o pensamento de Candido a abordagens dessa natureza, como se ele defendesse uma leitura estritamente imanentista do texto, e eu não estou certo de que era a leitura que ele propunha. Não vejo na obra do Candido esse tipo de fechamento. Tampouco penso que se trata de uma abordagem marxista pura e simples. Como costumava dizer um

professor meu da UFF, Paulo Bezerra: o problema não são os teóricos, mas aqueles que tomam conta do pensamento dos teóricos.

**AMRM – Acho que você toca em algo importante: destaca que certa interpretação da obra de Candido pode ser limitante, sugerindo que seu “modelo teórico” não é algo dado, auto-evidente e fixo. Há também uma história da recepção da teoria e da crítica, não só da literatura... Bem, no que tenho podido notar, costuma-se dar destaque às relações entre estrutura social e estrutura da obra como ocupando lugar central nas teorizações e na produção crítica de Candido. Há uma ênfase na proposição de que a representação da sociedade se dá em âmbitos estruturais, destacando-se seu diálogo com uma tradição marxista, portanto.**

**Emerson da Cruz Inácio** – Sim. E eu tenho dificuldade com isso. Primeiro, estudei no Rio de Janeiro. Fui aluno de gente que teve aula ou foi orientando de Silviano Santiago, Affonso Romano de Sant’Anna, Luiz Costa Lima (talvez o que menos tenha relação com o que pretendo sugerir). Ou seja, havia um substrato teórico ligado a certo pensamento francês que era já, digamos assim, um passo à frente. Então quando me deparo com determinadas leituras, não entendo bem como podem produzir tanta tensão...

**AMRM – Achei interessante algo que você sugeriu anteriormente, de certa maneira se questionando que tipo de abordagem Candido proporia hoje. Afinal, a *Formação da Literatura Brasileira* tem já 50 anos...**

**Emerson da Cruz Inácio** – Sim, claro. É preciso pensar na atualidade do pensamento de Candido, não só com relação ao tempo em que foi produzido como em sua aplicabilidade hoje. Porque nós que estudamos literatura vivemos num “carnaval” teórico que por vezes atordoia. Mas a abordagem sistêmica de Candido talvez seja muito atual.

**AMRM – Uma questão que gostaria de levantar, nesse sentido, é: quais noções e conceitos formulados por Candido para a compreensão da literatura brasileira em sua perspectiva se mostram funcionais para o estudo de outras literaturas de língua portuguesa hoje?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Eu vou fazer uma digressão para responder à sua pergunta. Embora eu trabalhe com literatura comparada envolvendo as oito literaturas de língua portuguesa, eu me valho de um recorte específico: investigo as tensões entre raça, etnia, gênero e classe social na literatura. Meu trabalho hoje está priorizando questões ligadas ao cânone, abordando a ausência do negro e do homossexual no cânone estabelecido pelas histórias literárias brasileiras e portuguesas. Será que a ideia de cânone como a gente conhece não se desestabiliza quando atentamos para o que está de fora? Agora, preciso, então, atentar às noções de série literária, sistema literário, continuidade literária, como propostas por Candido na *Formação*. Então a questão se torna: como posso utilizar esses recursos agora, para outra investigação, questionando o cânone?

**AMRM – E quanto a textos específicos de Candido, você destacaria algum como especialmente importante para sua abordagem?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Sim. Destaco um texto que tem sido mais lido fora da Letras, e inclusive tem sido bastante discutido nos Estados Unidos, mas pouco no Brasil. Trata-se do ensaio “Direitos humanos e Literatura”. Eu me baseio fortemente neste texto, que propõe o direito da margem, dos mais pobres, que estão fora de determinados processos mercadológicos, a ter também a sua literatura. Se a gente ler o ensaio atentando para esse aspecto, talvez Candido esteja pensando sobre os limites do cânone. Assim, meu projeto atual é continuar discutindo com este texto do Candido. Trata-se de um ensaio que me mobilizou

fortemente e que me parece necessário para pensar a literatura periférica contemporânea.

**AMRM – Você tem se dedicado, então, a estudar especialmente literatura brasileira contemporânea?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Tenho sim, tenho estudado quem está produzindo agora na periferia, alguns também são nossos alunos (da Usp). É claro, questionando muito a capitalização que tem sido feita desse lugar, da periferia. Há uma espécie de capitalização da diferença, produzindo-se uma diferença exótica. Como diz um amigo meu, que trabalha em ONG, “pobre dá dinheiro”. Ele não ganha, mas ganham com ele. Além disso, tenho atentado para o risco de se produzir algo tão panóptico como o lugar canônico da crítica literária, criando outro dispositivo que supostamente dê conta do grau de intimidade ou de inserção do autor nesse campo periférico. Alguém pode pensar, então qual o seu propósito? Talvez pensar que literatura pode ser apenas literatura, em diversos espaços.

**AMRM – E que outros textos do Candido você destacaria?**

**Emerson da Cruz Inácio** – A introdução da *Formação da Literatura Brasileira*. Se ele tivesse escrito só aquilo, já seria uma grande obra.

**AMRM – E textos que dialogam com a obra do Candido?**

**Emerson da Cruz Inácio** – Leria *Campo e cidade*, de Raymond Williams. Pois se trata de um autor que lida com alguns dos pressupostos teóricos que subjazem à obra do Candido.

**AMRM – A professora Simone Caputo (em entrevista anterior já publicada na Revista Crioula), sugeriu paralelos entre certas teorizações de Antonio Candido e aspectos da estética da recepção**

**e do efeito (de Jauss e Iser, respectivamente). Fico pensando se certo descontentamento com relação às abordagens imanentista e marxista mais ortodoxa (que, na metade do século XX, se apresentavam como duas as principais alternativas nos estudos literários) não estaria subjacente a estes vários, e distintos, desenvolvimentos teóricos.**

**Emerson da Cruz Inácio** – Pode ser. Acredito que os elementos que compõem o sistema literário como proposto por Candido chamam a atenção para a instância do receptor, nesse sentido, anunciam sim aspectos da estética da recepção e do efeito. E acho que este descontentamento se manteve, por vezes conduzindo a um abandono dos estudos teóricos. Uma professora minha, por exemplo, a professora Francisca Nóbrega, da UFRJ, que foi barthesiana durante bastante tempo, num certo momento resolveu se ocupar exclusivamente do literário, e dava aula de teoria da literatura apreendendo dos textos literários recursos para estudá-los. Esse é outro caminho, também válido e interessante.